

CAREER DECISION PROFILE (CDP) – VERSÃO PORTUGUESA: ESTUDO METROLÓGICO

José Manuel Tomás da Silva

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra
jtsilva@fpce.uc.pt

Resumo

O *Perfil de Decisão de Carreira/Career Decision Profile* (CDP) é um instrumento psicológico desenvolvido na década de oitenta, nos EUA, para auxiliar os psicólogos na avaliação do estatuto de decisão vocacional de estudantes universitários e, mais especificamente, para ajudar a identificar várias “razões” subjacentes ao estado de indecisão vocacional. Em particular, o instrumento revelou ter potencialidade para a diferenciação de distintos subtipos de clientes indecisos. O CDP foi cuidadosamente desenvolvido e os estudos empíricos já realizados revelam que os resultados nas escalas são, em geral, fiáveis e válidos para os fins pretendidos. O instrumento avalia o grau de decisão do respondente, o grau de conforto ou de satisfação com o seu estado de decisão e as razões que sustentam a sua dificuldade em decidir. O presente estudo visa apresentar os resultados obtidos no estudo de adaptação desta escala numa amostra de 208 estudantes do 9º ano. Discutem-se, ainda, as principais implicações dos resultados para a avaliação e a intervenção no desenvolvimento vocacional dos jovens.

Introdução

A indecisão face à carreira, ou à escolha vocacional, é um dos temas mais profusamente investigados na Psicologia Vocacional (Fitzgerald & Rounds, 1988; Fouad, 2007). Segundo Crites (1969, p. 303) “ a indecisão relativamente à escolha vocacional diz respeito à incapacidade do indivíduo para seleccionar, ou comprometer-se com, um curso particular de acção que conduzirá à sua eventual preparação e acesso a uma profissão específica”.

A maioria dos estudos nesta área têm procurado identificar os factores que estão associados com a indecisão vocacional (e.g., Silva, 2004; Sepich, 1987; Slaney, 1988). Os estudos têm abrangido uma multiplicidade de variáveis, desde as características demográficas aos mais diversos factores psicossociais do funcionamento humano (e.g., auto-estima, ansiedade, auto-eficácia, interesses, valores, etc.). Alguns autores (e.g., Slaney, 1988), consideram que os trabalhos de investigação centrados na análise das correlações entre a indecisão vocacional e outras variáveis têm produzido resultados pouco consistentes e, em alguns casos, contraditórios facto que tem impedido a construção cumulativa de conhecimento neste domínio. Das inúmeras revisões dedicadas a esta questão fica-nos a impressão de que é difícil encontrar uma variável, ou característica, cuja relação com a indecisão vocacional seja inteiramente constante entre os estudos realizados. As investigações conduzidas por Baird (1969), Elton & Rose (1971) e Taylor (1982) sobre a associação da aptidão intelectual/académica e o nível, ou grau, de

indecisão vocacional, são exemplificativas do tipo de resultados incongruentes que têm sido encontrados. Enquanto Baird (1969) não encontrou quaisquer diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes declarados decididos versus indecisos a respeito do seu futuro vocacional, Rose & Elton (1971) e Taylor (1982), no entanto, apresentaram resultados que sugerem haver uma relação negativa e estatisticamente significativa entre ambas as variáveis (os indivíduos indecisos revelaram possuir menor aptidão intelectual).

Análises acerca do fracasso da perspectiva diferencial em produzir avanços no conhecimento da indecisão vocacional foram inicialmente avançadas por Slaney (1988) e, posteriormente, retomadas por outros autores (e.g., Gati, Krausz, & Osipow, 1996; Fuqua & Newman, 1989; Kelly & Lee, 2002; Lucas & Epperson, 1988; Rojewski, 1994; Savickas, 1989; Savickas, Carden, Toman, & Jarjoura, 1992; Tinsley, Bowman, & York, 1989). Uma primeira razão que foi tida em consideração para explicar esta situação insatisfatória assentou na perspectiva desenvolvimentista do fenómeno da indecisão vocacional (e.g., Ginzberg, Ginsburg, Axelrad, & Herma, 1951; Super, 1957). Os autores desenvolvimentistas propuseram que o estado de indecisão vocacional é, em grande medida, uma característica normativa do desenvolvimento vocacional. A maioria dos jovens resolverá esta indecisão normativa, ou desenvolvimentista, sem grande dificuldade e num período de tempo razoavelmente curto. Sustentam que não há qualquer razão teórica plausível para que os adolescentes que, num dado momento, se declaram indecisos quanto ao projecto de vida vocacional futuro tenham que mostrar-se consistentemente diferentes, nas variáveis tradicionalmente estudadas, de um seu par que, em contrapartida se afirma decidido. De facto, Holland & Holland (1977), num estudo clássico de estudantes decididos e indecisos, concluíram que entre estes há mais semelhanças do que diferenças. De particular significado neste estudo foi o facto de um número significativo de sujeitos indecisos (cerca de metade da amostra) terem declarado que “não precisavam de tomar uma decisão nesse momento”.

Por outro lado, durante muito tempo, os investigadores propenderam a perspectivar os sujeitos indecisos com constituindo um grupo homogéneo, ou indistinto. Mais uma vez, os investigadores do desenvolvimento vocacional foram os primeiros a mostrar que essa posição era errónea e infundada. Ginzberg et al. (1951) teorizaram acerca de dois “padrões de desenvolvimento alternativos” ao processo normativo do desenvolvimento da escolha vocacional. As trajectórias alternativas “desviantes” indiciam a presença de uma forma de indecisão mais grave, provavelmente relacionada, segundo os autores, com a existência de problemas emocionais, enquanto que, no padrão de desenvolvimento “variante” apenas podemos constatar um atraso na cristalização da escolha vocacional (neste caso, o ritmo de desenvolvimento é mais lento do que a norma). Na sequência da teorização iniciada pelos

autores desenvolvimentistas passou a ser usual distinguirem-se dois tipos de indecisão vocacional (e.g., Crites, 1969; Van Matre & Cooper, 1984): a indecisão desenvolvimentista, ou simples (padrões normativo e variante), e a indecisão generalizada ou crónica (padrão desviante).

Desde os anos oitenta do século passado vários estudos realizados com base na técnica estatística de análise de agrupamentos revelaram, para além das divisões anteriormente mencionadas, a existência de muitas outras tipologias de indecisão vocacional (para uma revisão da literatura pertinente vide Gordon, 1998). Embora não haja, por enquanto, qualquer consenso acerca de quantos tipos de pessoas indecisas realmente existem, a hipótese de que estas constituem um grupo homogéneo e uniforme afigura-se-nos como implausível e empiricamente infundada.

A variabilidade de tipos de indecisão presentes nas amostras habitualmente estudadas pode ser, portanto, uma boa razão (neste caso um elemento de “confounding” metodológico) porque os estudos com sujeitos indecisos, incidindo sobre as mesmas variáveis, podem produzir resultados incongruentes. Uma hipótese plausível para a incoerência nos resultados relatados pode residir, como vimos, exclusivamente, nas diferentes composições das amostras observadas. Por exemplo, a presença, puramente casuística, numa amostra, de alguns sujeitos com dificuldades crónicas de decisão pode contribuir para que se encontre uma relação forte e estatisticamente significativa entre o grau de indecisão e a ansiedade debilitante, ou patológica, enquanto que noutra amostra, maioritariamente composta por sujeitos “normativamente” indecisos, essa mesma relação pode ser nula.

Donde, na última década do século, paulatinamente, ter surgido uma consciência generalizada entre os investigadores de que para se produzirem avanços relevantes nos conhecimentos sobre os antecedentes e as intervenções mais apropriadas para a indecisão vocacional seria indispensável desenvolverem-se procedimentos de medida, fiáveis e válidos, que permitissem distinguir com exactidão os diferentes tipos de indecisão. Como afirmou Slaney (1988) “definições operacionais claras devem conduzir ao desenvolvimento de escalas, derivadas racional ou empiricamente, que depois serão sujeitas a investigação empírica da sua precisão e especialmente da sua validade” (p. 45). Durante grande parte do século vinte a psicometria da indecisão vocacional foi uma área subdesenvolvida e, em parte, a insuficiente atenção devotada pelos investigadores à questão fundamental da mensuração da indecisão e dos factores que lhe subjazem, contribuiu também para alguma da confusão que transparece nos estudos sobre a indecisão vocacional.

Como referiu Savickas (1995) a Psicologia Vocacional, durante o século vinte, perspectivou a indecisão vocacional de duas maneiras distintas: como um fenómeno objectivo ou como uma

experiência subjectiva. A visão objectiva constituiu a abordagem dominante e tendeu a olhar a indecisão como um fenómeno abstracto e descontextualizado. Com a emergência das abordagens construtivistas do comportamento vocacional e da carreira (e.g., Savickas, 1995), surgiu uma visão da indecisão vocacional ancorada na experiência subjectiva dos indivíduos. Este paradigma recorre fundamentalmente a métodos narrativos e a técnicas hermenêuticas com o objectivo de alcançar uma compreensão discursiva do comportamento. Esta abordagem dá primazia às percepções e às interpretações subjectivas dos indivíduos e, portanto, não tende a valorizar a construção de instrumentos de avaliação que, como se sabe, ambicionam objectivar e mensurar a partir de um quadro de referência externo as características psicossociais dos indivíduos.

A perspectiva objectiva, baseada nos princípios e métodos da psicologia diferencial, pelo contrário, a partir do final da década de 70 do século passado, esteve na origem do desenvolvimento de inúmeras escalas de medida da indecisão vocacional. O ímpeto para estes progressos no processo de avaliação psicológica fundamenta-se na argumentação, referida anteriormente, que justifica o fraco avanço nos conhecimentos sobre a indecisão vocacional na inexistência de procedimentos standardizados de avaliação do fenómeno (e.g., Slaney, 1988).

Numa resenha histórica da literatura, Savickas (1989) distinguiu três fases na evolução da avaliação da indecisão vocacional, enquanto empreendimento objectivo. Na primeira fase, a indecisão vocacional foi concebida como uma simples dicotomia. Num segundo momento passou a perspectivar-se como um contínuo unidimensional. Finalmente, na terceira etapa a indecisão vocacional é conceptualizada como um construto multidimensional. As duas primeiras fases abarcam a maior parte do século passado, desde 1900 até ao final da década de setenta, e testemunham uma abordagem deveras simplista e redutora do construto de indecisão vocacional. Em contrapartida, desde os anos oitenta passámos a dispor de várias propostas sofisticadas, do ponto de vista psicométrico, da avaliação da indecisão vocacional. Em geral, estas radicam numa visão multidimensional dos factores que actuam como hipotéticos antecedentes das dificuldades sentidas pelas pessoas em tomar decisões no campo vocacional. (Chartrand, Robbins, Morrill, & Boggs, 1990; Gati et al., 1996; Jones, 1989).

Neste trabalho propomo-nos justamente analisar as propriedades de medida (precisão e validade) de uma destas novas escalas multidimensionais, designadamente o *Career Decision Profile* (CDP: Jones, 1989). Existem duas razões principais justificativas do nosso interesse por este instrumento. Em primeiro lugar, é uma escala que permite a realização de um exame breve (a escala tem apenas 16 itens) de várias dimensões relevantes para uma avaliação abrangente do estado de decisão/indecisão de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, e das razões que estão associadas a esse estatuto. Além do mais, o CDP assenta num modelo conceptual original sobre

o comportamento de indecisão vocacional (Jones & Chenery, 1980), contemplando facetas que não estão presentes em outras operacionalizações mais conhecidas e utilizadas para avaliar a indecisão vocacional. Embora outras escalas usufruam de maior notoriedade entre os investigadores, por exemplo, a *Career Decision Scale* (CDS: Osipow, Carney, & Barack, 1976), o *Career Factors Inventory* (CFI: Chartrand et al., 1990) ou, mais recentemente a *Career Decision Difficulties Questionnaire* (CDDQ: Gati et al., 1996), O CDP não deixa, todavia, de constituir um instrumento de medida com inúmeras potencialidades na investigação e na intervenção sobre a indecisão vocacional (Jones & Lohmann, 1998; Silva, 2004)

Breve apresentação do *Career Decision Profile* (CDP)

O CDP (Jones, 1989) constitui uma versão revista e aperfeiçoada da *Vocational Decision Scale* (VDS: Jones & Chenery, 1980). Ambos instrumentos foram construídos com o objectivo de operacionalizar o modelo tridimensional (ou cúbico) do estado de decisão vocacional, proposto inicialmente por Jones e Chenery (1980). O modelo assenta na ideia de que existem diferentes tipos de pessoas indecisas quanto ao seu futuro vocacional e que, para efeitos de investigação ou de intervenção, esses distintos tipos necessitam de ser identificados e diferenciados. A estrutura proposta para o modelo radica em três questões que se revelam essenciais para se efectuar uma avaliação completa do estatuto de decisão dos indivíduos. Essas questões podem ser formuladas da seguinte forma (e.g., Jones & Chenery, 1980, p. 470): (1) “Em que grau está decidido a respeito da escolha de uma profissão ou carreira?”; (2) “Qual é o seu grau de conforto com a posição que ocupa actualmente no processo de realização dessa escolha?”; e (3) “Quais são as razões porque está decidido ou indeciso?”

A VDS e o CDP constituem as medidas operacionais das três questões enunciadas. A primeira destas refere-se à dimensão de *decisão* (*decidedness*), a segunda corporiza a dimensão respeitante ao grau de *conforto* (*comfort*) com o processo de decisão e a última corresponde à dimensão que operacionaliza o conjunto de razões (*reasons*) que subjazem ao estado de indecisão do indivíduo.

A dimensão de *decisão* é definida como uma variável contínua que ocupa um intervalo que vai da auto-percepção de completa decisão à total indecisão. A dimensão de *conforto* é também uma variável contínua que expressa a avaliação subjectiva do indivíduo acerca de como este se sente a respeito do seu estado de (in)decisão actual. As explicações que os indivíduos apresentam para justificar o seu estado de indecisão definem a dimensão relativa às *razões*. Jones & Chenery (1980) construíram diferentes escalas para avaliar as *razões* da indecisão vocacional mais comumente apresentadas pelas pessoas (vide discussão mais abaixo).

O CDP é composto por 16 itens que se dispõem por seis escalas de avaliação. As respostas são dadas numa escala de tipo Likert com 8 pontos, desde (1) discordo fortemente (*strongly disagree*) a (8) concordo fortemente (*strongly agree*). A folha com os itens serve simultaneamente de folha de respostas e contém as instruções para o preenchimento, algumas questões biográficas e, na parte final, apresenta ainda um conjunto de linhas em branco, encabeçado pelo texto “Outros factores”, que o respondente pode usar para escrever “quaisquer outros factores que sejam importantes para a compreensão da sua situação”.

As escalas *decisão* e *conforto* contêm ambas dois itens. Os resultados têm uma amplitude possível entre 2 e 16 pontos, sendo os valores mais elevados indicativos, respectivamente, de um maior grau de decisão e de conforto com o processo de decisão.

Há quatro escalas que operacionalizam o construto relativo às *razões* para a situação de indecisão vocacional. (1) Clareza acerca do eu (*Self-Clarity*); (2) Conhecimento acerca das Profissões e da Oferta Educativa (*Knowledge about Occupations and Training*); (3) Decisividade (*Decisiveness*); e (4) Importância atribuída à Escolha de Carreira (*Career Choice Importance*). Qualquer uma destas escalas é composta por três itens e os resultados, em cada uma das escalas, podem variar entre 3-24 pontos. De modo a que as pontuações mais elevadas nas escalas traduzam o pólo positivo de cada dimensão é necessário subtrair 27 unidades à pontuação directa obtida pelo respondente na respectiva escala. Assim, por exemplo, resultados mais elevados na escala *Conhecimento acerca das Profissões e da Oferta Educativa* sugerem que o respondente acredita estar informado a respeito das profissões que lhe interessam e acerca dos requisitos educacionais que as caracterizam. No artigo de Jones & Lohmann (1998) são reproduzidos os itens que integram o instrumento.

Os itens foram escritos, por um lado, tomando como fonte de inspiração os incidentes relatados pelos clientes no decurso das consultas com os seus conselheiros (técnica de incidentes críticos) e, por outro, uma revisão compreensiva da literatura sobre a indecisão vocacional. As escalas evocativas de razões para a indecisão vocacional, em particular, foram obtidas através de procedimentos empírico-estatísticos, designadamente recorrendo a análises factoriais exploratórias das respostas nos itens.

Propriedades metrológicas dos resultados do CDP

Jones (1989) e Jones e Lohmann (1998) sintetizam as informações disponíveis acerca das propriedades metrológicas do CDP, nomeadamente a respeito da precisão e da validade das respostas obtidas nas distintas escalas deste instrumento. Deve-se salientar que a maioria dos estudos realizados com o CDP têm usado amostras de estudantes universitários. A fidelidade dos resultados, nomeadamente a consistência interna, depende bastante da escala que estejamos

a considerar e os valores dos coeficientes alfa de Cronbach, nos estudos norte-americanos variam entre .68 (*Knowledge*) e .85 (*Decidedness; Comfort*). Os valores relatados para as restantes escalas são os seguintes: .77 (*Self-Clarity*), .71 (*Decisiveness*); .73 (*Career Choice Importance*).

As estimativas de estabilidade, obtidas segundo o método teste-reteste (intervalo de cerca de duas semanas entre as aplicações), situam-se entre um mínimo de .66 (*Decidedness*) e .80 (CDP-Total).

Evidência acerca da validade convergente e discriminante dos resultados foi apresentada inicialmente por Jones (1989) e, posteriormente, actualizada por Jones & Lohmann (1998). Em geral, os resultados nas escalas do CDP reproduzem as associações esperadas com outros construtos psicossociais. Por exemplo, a dimensão *Decidedness* apresenta correlações estatisticamente significativas com a saliência da carreira, a ansiedade traço (relação negativa), o estatuto de identidade e o grau de indecisão (associação negativa). Por outro lado, os resultados nessa escala não estão correlacionados estatística e significativamente com medidas de realização académica (e.g., SAT – Verbal e Matemática).

A dimensionalidade do instrumento foi inicialmente abordada por Jones e Chenery (1980) através da análise factorial. Jones (1989) ao propor o CDP, manteve as dimensões Decisão e Conforto do instrumento inicial e propôs, com base nos resultados de uma análise factorial exploratória realizada numa amostra de 221 estudantes universitários, as quatro escalas, anteriormente mencionadas, para avaliar as razões do estado de indecisão do indivíduo.

Outros estudos que usaram o CDP em conjunto com outras variáveis, também nos ajudam a compreender melhor o significado dos resultados deste instrumento.

Fuqua & Newman (1989) estudaram, numa amostra de 122 estudantes universitários, a validade convergente de treze escalas extraídas de quatro instrumentos de indecisão de carreira, nos quais se incluía uma versão experimental do CDP, bem como outros questionários psicológicos. Recorrendo ao método de análise factorial exploratória foram obtidos três factores que explicaram cerca de 60% da variabilidade total. O primeiro factor foi interpretado como avaliando um componente de informação acerca das profissões e do eu próprio, tendo a escala CDP – *Conhecimento acerca das Profissões e da Oferta Educativa* saturado neste factor. Três escalas do CDP correlacionaram significativamente com o segundo factor, designadamente CDP – *Clareza do eu, Decisividade e Importância da Escolha de Carreira*. Os autores interpretaram este factor como um componente de indecisão mais severa. Finalmente, o terceiro factor incluiu as escalas CDP – *Decisão e Conforto*, tendo sido interpretado como representando uma dimensão de afectividade/conforto.

Num estudo com uma amostra de 332 estudantes universitários Sul-africanos, Stead & Watson (1993), procuraram investigar a natureza do construto de indecisão vocacional, submetendo a uma análise factorial exploratória os itens oriundos de diversas escalas. Para além dos itens do CDP, os autores incluíram outros extraídos do *Career Factors Inventory* (Chartrand et al., 1990) e da *Career Decision Scale* (Osipow et al., 1976). Stead & Watson (1993) retiveram uma solução com quatro factores que denominaram de *Indecisão*, *Necessidade de Informação sobre a Carreira/Eu*, *Ansiedade na Escolha de Carreira* e *Indecisão Crónica/generalizada*. Os itens das escalas do CDP, em geral, correlacionaram com os itens provenientes de outras escalas de um modo teoricamente consistente (por exemplo, os itens que avaliam a informação sobre o eu e sobre as profissões correlacionaram com o segundo factor acima referido). Porém os itens da escala *Importância da Escolha de Carreira*, não evidenciaram possuir variância comum com qualquer um dos factores extraídos na análise factorial.

Finalmente, Wanberg & Muchinsky (1992) aplicaram a análise de agrupamento a uma amostra de 390 estudantes universitários, que produziram resultados em dez dimensões de indecisão vocacional (incluindo as escalas do CDP) e em dimensões da personalidade (e.g., ansiedade traço, *locus* de controlo). Os autores retiveram uma solução com quatro grupos que se mostrou estável numa replicação interna. Os grupos foram denominados de “indivíduos decididos e confiantes” (19.7% dos sujeitos), “decididos mas preocupados” (39.5%), “indecisos e indiferentes” (25.4%) e “indecisos ansiosos” (15.4%). Todas as variáveis do CDP revelaram-se úteis para a classificação dos sujeitos nos distintos agrupamentos, incluindo a escala de *Importância da Escolha de Carreira* que demonstrou ser adequada para caracterizar os indivíduos do terceiro grupo. De facto, para os estudantes incluídos neste grupo fazer uma escolha de carreira, nesse momento, aparentemente não era uma questão tão importante como para os outros indivíduos da amostra.

Objectivos do estudo

O CDP integra o grupo exclusivo de instrumentos de avaliação multidimensional da indecisão vocacional e tem características que o distinguem de todas as outras medidas entretanto propostas. A ideia de avaliar o sentimento de conforto com o processo de decisão vocacional é, como se viu, bastante original e, como referiu Slaney (1988), aborda um aspecto motivacional importante da decisão de carreira. Embora, o instrumento apresente algumas fragilidades do ponto de vista psicométrico (e.g., Savickas et al., 1992; Wanberg & Muchinsky, 1992), a sua adaptação para a língua Portuguesa poderá revelar-se vantajosa para uma melhor compreensão do comportamento vocacional.

Neste trabalho vamos apresentar a informação que recolhemos no âmbito de um estudo de adaptação do CDP a estudantes do 9º ano de escolaridade. Em particular serão analisados aspectos metrológicos desta adaptação, designadamente acerca da precisão das medidas (consistência interna) e da validade factorial das respostas nas quatro escalas que avaliam as razões do estado de indecisão. A validade convergente dos resultados nas escalas do CDP será analisada através do estudo do padrão de correlações apurado com outras medidas do conceito de indecisão vocacional.

Método

Participantes

Para este estudo foi obtida uma amostra não probabilística de 208 alunos do 9º ano de escolaridade, matriculados em escolas de ensino público, da cidade de Coimbra. Sessenta e dois por cento dos participantes ($n = 129$) são rapazes e 38% são raparigas ($n = 79$). A média da idade, para a amostra combinada, é de 14.9 anos ($DP = 1.2$ anos). Não há uma diferença estatisticamente significativa para o sexo, na variável idade ($t(206) = -.085, p = .93$).

Procedimento

Depois de obtida autorização da parte dos conselhos executivos das instituições de ensino seleccionadas, os alunos foram abordados no decurso das aulas pelo/a psicólogo/a adstrito/a a esse estabelecimento de ensino com a finalidade de participarem num estudo sobre as dificuldades de decisão vocacional de jovens. Obtido o consentimento dos alunos foi administrado um questionário que incluía as diversas escalas de indecisão vocacional e um breve conjunto de perguntas sócio-demográficas. A apresentação das escalas no questionário foi intencionalmente variada de modo a controlar potenciais efeitos de ordem.

Instrumentos

O CDP foi traduzido para a língua Portuguesa seguindo o procedimento de tradução e retroversão. A versão inglesa que resultou da tradução dos itens para o Português foi enviada ao autor da escala e as discrepâncias encontradas entre as duas versões em língua Inglesa foram resolvidas. A versão Portuguesa do instrumento foi denominada *Perfil de Decisão da Carreira*. A versão usada nesta investigação foi descrita anteriormente (cf. Introdução).

Para estudarmos a validade convergente dos resultados do CDP foram administradas mais duas escalas, nomeadamente as versões Portuguesas da *Career Decision Scale* (CDS) e da *My Vocational Situation* (MVS).

A CDS (Osipow et al., 1976) é a medida mais frequentemente utilizada para avaliar a indecisão vocacional. A sua versão mais recente (3ª revisão) inclui 19 itens, sendo o último uma questão aberta apenas usada para fins clínicos. No lado direito de cada item (itens 1 a 18) surgem as alternativas de resposta, num formato de tipo Likert com 4 pontos (4 = *exactly like me*; 1 = *not at all like me*). Os primeiros dois itens constituem a escala de Certeza (*Certainty*), enquanto que os 16 itens subsequentes (3 a 18) avaliam múltiplas causas ou antecedentes da indecisão vocacional; a soma das respostas neste conjunto de itens permite obter um resultado na escala de Indecisão (*Indecision*). No manual da CDS (Osipow, 1987) encontramos informação detalhada sobre as propriedades metrológicas do instrumento. Em geral, as medidas obtidas nas escalas em diferentes amostras têm revelado possuir boa consistência interna, com os coeficientes alfa de Cronbach situando-se entre .75 e .92, sendo a mediana de .86 (total da escala de indecisão). Osipow (1987) analisa a validade em quatro secções do manual e a informação disponível é, geralmente, positiva. No presente estudo as estimativas de consistência interna (alfa de Cronbach) para as escalas da certeza e indecisão foram .86 e .87, respectivamente.

A MVS (Holland, Daiger, & Power, 1980) é também uma medida clássica da indecisão vocacional. A MVS avalia três construtos: (1) *Vocational Identity* (VI); (2) *Occupational Information* (OI); e (3) *Barriers* (B). A dimensão mais referida na literatura é a *Identidade Vocacional* (IV) que se define como “a posse de uma imagem clara e estável dos objectivos, interesses, personalidade e talentos próprios” (Holland et al., 1980, p. 1). As outras dimensões são fundamentalmente listas de verificação de comportamentos e por isso não foram usadas neste estudo (vide Silva, 2005). A escala de Identidade Vocacional integra dezoito itens com um formato de resposta do tipo Verdadeiro/Falso. As pontuações podem variar entre 0-18 pontos, com as pontuações mais elevadas representando o pólo positivo do conceito. Os resultados da escala IV, têm evidenciado boas propriedades metrológicas, quer de precisão (KR-20's acima de .85), quer de validade convergente e discriminante (vide Silva, 2005). Na presente amostra o coeficiente de consistência interna foi de .77.

Resultados

Análise dos Itens e da precisão do CDP

Uma primeira análise das respostas aos itens do CDP incidiu sobre a média e a dispersão dos valores registados. Nas escalas *Decisão*, *Conforto*, *Clareza do Eu* e *Conhecimento de Profissões e Ofertas Educativas*, tendo em conta a escala de avaliação de 8 pontos que foi usada, a média das respostas está acima do ponto médio da escala de avaliação. A dispersão nestas escalas é

aproximadamente de 2 pontos. Por sua vez, nas escalas *Decisividade* e *Importância da Escolha de Carreira*, observámos um padrão de respostas inverso, tendendo as médias observadas a localizar-se abaixo do ponto médio da escala de avaliação e as dispersões a terem menor magnitude (cerca de um ponto em torno da média). Uma segunda análise recaiu sobre o padrão de correlações *item-remaining items* da escala. Neste caso a média das correlações localizou-se entre .39 (itens da escala de Importância da Escolha de Carreira) e .63 (itens da escala Conhecimento das Profissões e Ofertas Educativas). Habitualmente os psicometristas sugerem que valores de correlação item-total corrigidas superiores a .3 são desejáveis para se obterem boas medidas dos construtos. Todos os itens do CDQ estão acima deste critério.

No Quadro 1 apresentamos (vide colunas 2-4) as estatísticas de tendência central, de variabilidade e os alfas de Cronbach para as seis escalas do CDP. De acordo com especialistas de medida psicológica valores do alfa de Cronbach acima de .7 são ambicionáveis para se puderem usar os resultados das escalas na investigação e na prática psicológica. Uma verificação do Quadro 1 revela que três escalas do CDP satisfazem este critério, enquanto que outras tantas ficam aquém deste. Os coeficientes registados para as escalas *Conforto* e *Importância da Escolha de Carreira* (ambas com alfas nos .50's), em particular, estão bastante abaixo do critério mencionado e sugerem que estas medidas devam ser usadas com acrescida cautela e a título provisório e experimental.

Quadro 1

Médias, Desvios-padrão, coeficientes alfa de Cronbach e estimativas de validade convergente para os resultados do CDP.

Escalas	Coeficientes de Pearson					
	<i>M</i>	<i>DP</i>	α	(7)	(8)	(9)
(1) CDP – Decisão	11.36	4.10	.70	.47	-.38	.43
(2) CDP – Conforto	9.14	3.63	.57	.45	-.33	.46
(3) CDP – Clareza	10.26	5.58	.79	.16	-.37	.52
(4) CDP – Conhecimento	11.81	5.14	.65	.27	-.43	.59
(5) CDP – Decisividade	18.09	4.92	.74	.34	-.46	.51
(6) CDP – Importância	20.89	3.81	.56	.01	-.20	.05
(7) CDS – Certeza	5.56	1.76	.86			
(8) CDS – Indecisão	35.26	9.26	.87			
(9) MVS – Identidade	9.76	3.92	.77			

$N = 208$. $r^2s > .139$ têm $p < .05$; $r^2s > .231$ têm $p < .001$.

Validade convergente dos resultados do CDP

Nas três últimas colunas do Quadro 1 encontramos as correlações de Pearson entre cada uma das escalas do CDP e as medidas de *Certeza e Indecisão* da CDS e de *Identidade Vocacional* do MVS. Exceptuando dois coeficientes que envolvem a escala de *Importância da Escolha de Carreira* do CDP, todos os restantes são estatisticamente significativos ($p < .01$) e com um tamanho do efeito moderado a grande.

O padrão das correlações é, além do mais, consistente com a teoria e as definições dos distintos construtos analisados. Por exemplo, as escalas de *Decisão* e *Conforto* do CDP apresentam um padrão de correlações bem vincado com os demais construtos e que é distinto das restantes escalas do CDP. Apenas a escala de *Importância da Escolha de Carreira* não aparente estar correlacionada de uma forma sistemática com as outras variáveis.

Estrutura factorial das escalas de Razões para o estado de decisão

Com o propósito de examinarmos a validade da dimensionalidade proposta para as quatro escalas de *Razões* do CDP, submetemos a matriz de variância-covariância dos 12 itens a uma *Análise Factorial Confirmatória* (AFC), usando o método da *Máxima Verosimilhança* (ML). O modelo teórico testado postula quatro factores ortogonais, cada um com três indicadores (itens). Cada um dos itens apenas pode correlacionar no respectivo factor. Ademais os termos de erro não estão correlacionados. Como indicadores do grau de ajustamento do modelo à matriz observada seleccionámos o *qui-quadrado* de aderência, o *Normed Fit Index* (NFI), o *Non Normed Fit Index* (NNFI) e o *Comparative Fit Index* (CFI). Os modelos bem ajustados apresentam valores de *qui-quadrado* estatisticamente não significativos ($p's > .05$). Todavia, sabe-se que esta estatística é bastante influenciada pelo tamanho da amostra, sendo frequente obter-se modelos com $p's$ estatisticamente significativos e que, todavia, apenas apresentam pequenas discrepâncias comparativamente aos valores empiricamente observados. Por este motivo os investigadores recorrem a outros índices (ditos relativos) para avaliarem o grau de ajustamento do modelo. Para os três indicadores usados neste trabalho, valores acima de .90- .95 são considerados reveladores de um bom ajustamento.

Os resultados da AFC revelaram que o modelo proposto não se ajusta adequadamente à matriz de variância-covariância observada ($\chi^2(54) = 228.59, p < .001$; NFI = .71; NNFI = .70; CFI = .75).

Conclusão

Segundo o paradigma empírico-quantitativo da ciência se um fenómeno existe, existe em alguma quantidade e se existe em alguma quantidade pode ser medido. Para uma investigação sistemática e objectiva dos fenómenos psicológicos, de acordo com esta perspectiva, é essencial que os construtos relevantes sejam operacionalizados de uma forma rigorosa e exaustiva. Sem boas medidas dos construtos não é possível descrever, explicar e controlar o comportamento humano. Com o presente estudo pretendeu-se contribuir para uma melhor avaliação da indecisão de carreira. Nesse sentido, neste trabalho, apresentámos uma versão Portuguesa do *Career Decision Profile* (CDP) e estudámos algumas das suas propriedades metrológicas numa amostra de alunos do 9º ano de escolaridade.

As análises das respostas aos itens e, em particular, da sua precisão através do método da consistência interna, permitiu-nos constatar que, apesar do pequeno número de indicadores de cada dimensão ou factor (2-3 itens), metade das escalas do instrumento apresentam índices de consistência aceitáveis, de acordo com os cânones psicométricos clássicos. Ademais, no que diz respeito, á validade convergente dos resultados, com a excepção de uma das escalas, todas as correlações registadas são consistentes com a teoria que suporta o modelo do estado de decisão, proposto por Jones & Chenery (1980, cf., igualmente, Jones, 1989). A análise da estrutura factorial do instrumento, através do método de análise factorial confirmatória revelou que o modelo proposto não se ajusta adequadamente aos dados empíricos, quer considerando os índices de ajuste absolutos (e.g., qui-quadrado), quer os índices de ajuste relativos (e.g., CFI). A futura investigação com a versão Portuguesa CDP deverá procurar esclarecer alguns dos aspectos mais frágeis detectados neste estudo inicial. Em especial, a questão da dimensionalidade das escalas de *Razões* deve constituir uma prioridade para os investigadores. A escala foi desenvolvida nos EUA para a população de estudantes universitários, enquanto que a versão Portuguesa foi administrada a alunos mais novos (estudantes do 9º ano de escolaridade). Esta diferença ao nível das amostras pode ter contribuído para a incongruência verificada entre as duas versões do instrumento, donde serem imprescindíveis novos trabalhos que permitam elucidar esta questão.

O CDP é uma medida multidimensional, extremamente curta, de avaliação do estado de decisão vocacional e, por esse facto, é especialmente apropriada para ser usada na investigação e no aconselhamento vocacionais. Jones & Lohmann (1998) delinearam um modelo para a utilização dos resultados nas escalas do CDP no aconselhamento vocacional. Segundo os autores o CDP pode ser usado pelos psicólogos para quatro fins específicos: (1) explorar as razões que sustentam o estado de indecisão vocacional dos seus clientes; (2) diagnosticar o grau de

preparação de um cliente para tomar decisões no âmbito da carreira; (3) determinar o nível de serviços especializados que um cliente necessita; e (4) avaliar os resultados das intervenções implementadas.

Para que as aplicações do CDP, acima referidas, possam ser generalizadas com confiança ao trabalho clínico é essencial que se realizem mais investigações sobre o CDP na população Portuguesa. Esperamos, todavia, que este trabalho tenha revelado algumas das suas potencialidades para impulsionar o avanço do conhecimento acerca da indecisão vocacional.

Referências

- Baird, L. L. (1969). The undecided student: How different is he? *Personnel and Guidance Journal*, 47, 429-434.
- Chartrand, J. M., Robbins, S. B., Morrill, W. H., & Boggs, K. (1990). Development and validation of the Career Factors Inventory. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 491-501.
- Crites, J. O. (1969). *Vocational psychology: The study of vocational behavior and its development*. New York: McGraw-Hill.
- Fitzgerald, L. F., & Rounds, J. B. (1989). Vocational behavior, 1988: A critical analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 105–163.
- Fouad, N. A. (2007). Work and vocational psychology: Theory, research, and applications, *Annual Review of Psychology*, 58, 543-564.
- Fuqua, D. R., & Newman, J. L. (1989). An examination of the relations among career subscales. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 487-491.
- Gati, I., Krausz, M., & Osipow, S. H. (1996). A taxonomy of difficulties in career decision-making. *Journal of Counseling Psychology*, 43, 510-526.
- Ginzberg, E., Ginsburg, S. W., Axelrad, S., & Herma, J. (1951). *Occupational choice: An approach to a general theory*. New York: Columbia University Press.
- Gordon, V. (1998). Career Decidedness Types: A Literature Review. *The Career Development Quarterly*, 46, 386-403.
- Holland, J. L., Daiger, D. C., & Power, P. G. (1980). *My Vocational Situation*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Kelly, K. R., & Lee, W. C. (2002). Mapping the domain of career decision problems. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 302-326.

- Jones, L. K. (1989). Measuring a three-dimensional construct of career indecision among college students: A revision of the Vocational Decision Scale – the Career Decision Profile. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 477-486.
- Jones, L. K. & Chenery, M. F. (1980). Multiple subtypes among vocationally undecided college students: A model and assessment instrument. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 469-477.
- Jones, L. K. & Lohmann, R. C. (1998). The Career Decision Profile: Using a measure of career decision status in counseling. *Journal of Career Assessment*, 6, 209-230.
- Lucas, M. S., & Epperson, D. L. (1988). Personality types in vocationally undecided students. *Journal of College Student Development*, 29, 460-446.
- Osipow, S. E. (1987). *Manual for the Career Decision Scale*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Osipow, S. E., Carney, C. G., & Barak, A. (1976). A scale of educational-vocational undecidedness: A typological approach. *Journal of Vocational Behaviour*, 9, 233-243.
- Rose, H. A. & Elton, C. F. (1971). Attrition and the vocationally undecided student. *Journal of Vocational Behaviour*, 1, 99-103.
- Rowjesky, J. W. (1994). Career indecision types for rural adolescents from disadvantaged and non disadvantaged backgrounds. *Journal of Counseling Psychology*, 41, 356-363.
- Savickas, M. L. (1989). Annual review: Practice and research in career counseling and development, 1988. *Career Development Quarterly*, 38, 100-134.
- Savickas, M. L. (1995). Constructivist counseling for career indecision. *Career Development Quarterly*, 43, 363-373.
- Savickas, M. L., Carden, A. D., Toman, S., & Jarjoura, D. (1992). Dimensions of career decidedness. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*. 25, 102-112.
- Sepich, R. T. (1987). A review of the correlates and measurements of career indecision. *Journal of Career development*, 14, 8-23.
- Slaney, R. B. (1988). The assessment of career decision making. In W. B. Walsh & S. E. Osipow (Eds.), *Career decision making* (pp. 33-76). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Silva, J. T. (2004). Avaliação da indecisão vocacional. In L. M. Leitão (Coord.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 347-386). Coimbra: Quarteto.
- Silva, J. T. (2005). Estudo psicométrico da My Vocational Situation com alunos do 9º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39-2, 417-437.
- Stead, G. B., & Watson, M. B. (1993). How similar are the factor structures of the career decision scale, the career decision profile, and the career factors inventory? *Educational and Psychological Measurement*, 53, 281-290.

- Super, D. E. (1951). Vocational adjustment: Implementation of self-concept occupations. *Occupations*, 30, 88-92.
- Taylor, K. M. (1982). An investigation of vocational indecision in college students: Correlates and moderators. *Journal of Vocational Behavior*, 21, 318-329.
- Tinsley, H. E. A., Bowman, S. L., & York, D. C. (1989). Career Decision Scale, My Vocational Situation, Vocational Rating Scale, and Decision Rating Scale: Do they measure the same constructs? *Journal of Counseling Psychology*, 34, 414-424.
- Van Matre, G., & Cooper, S. (1984). Concurrent evaluation of career indecision and indecisiveness. *Personnel and Guidance Journal*, 62, 637-639.